

JOSÉ DE ALENCAR: FICCIONISTA ANTES DE TUDO

Aline Leitão Moreira

Maria Bernardete Alves Feitosa

“Imagino que seja o mais nobre de nossos sentimentos a esperança de permanecer mesmo quando o destino parece nos ter conduzido para uma total inexistência. Esta vida, meus senhores, é curta demais para nossa alma, como comprova o fato de que todo homem, o menor como o maior, o mais incapaz como o mais louvado, cansa-se de tudo antes de se cansar de viver.”

J. W. Goethe – “Para o dia de Shakespeare”
Escritos sobre literatura.

Olhos fitos na ficção

A epígrafe que abre este artigo pertence ao artigo “Para o dia de Shakespeare”, publicado na obra **Escritos sobre literatura**, de J. W. Goethe. Nesse artigo, o autor nos fala sobre a gênese do eterno buscada por nós, seres humanos. Nesse sentido, os artistas e os escritores, em específico, são a maior representação do eterno de que podemos dispor. Ao escrever, qualquer escritor estende sua vida além do tempo.

José de Alencar escreveu seu nome no infinito e perpetuou sua obra como ímpar no Romantismo brasileiro. O escritor não se prendeu à realidade, mas afirmou-se como um exímio ficcionista. Para Araripe Júnior:

Se houve talento nos idealistas, esse talento consistiu em convencer-nos da verdade de suas caprichosas criações. Não há negar que José de Alencar, no epílogo do Guarani, apesar de romper, a cada passo, com o real, chega a embevecernos na possibilidade daquelas festas da natureza, naquele despontar de amor em Cecília pelo brusco Goitacás” (ARARIPE JÚNIOR, 1958, p. 167)

☉ José de Alencar publicou **O Guarani** em 1857, obra que veio ao público primeiramente em forma de folhetim no **Diário do Rio de Janeiro**, entre os meses de janeiro a abril e, mais tarde, no mesmo ano, em formato de livro.

A obra que tem como personagens principais Peri e Ceci inaugura um modelo de narrativa, a qual muitos dão o nome de Romance Histórico. Contudo, há uma querela no que tange a essa denominação. O que normalmente não causa embates teóricos, no entanto, é a compreensão de que **O Guarani** tem um formato diferente de tudo o que havia até então em nossa literatura, o que o insere num novo conceito, o de Romance.

O autor cearense, nascido em Messejana no ano de 1829, viveu boa parte de sua vida na cidade do Rio de Janeiro, mas formou-se em direito em São Paulo no ano de 1850. No ano de 1854, iniciou sua colaboração no **Correio Mercantil**, já novamente no Rio de Janeiro. Em 1856, trabalhou como redator-chefe do **Diário do Rio de Janeiro** e publicou as **Cartas sobre a Confederação dos Tamoios**, cartas polêmicas destinadas à Gonçalves de Magalhães, com o intuito de criticar a obra do referido autor. No mesmo ano estreou na ficção com **Cinco Minutos**. Em seguida, 1857, como já dissemos, publicou **O Guarani** e, no mesmo ano, **A Viuvinha**, **O crédito, Verso e reverso** e **Demônio familiar**. **As asas de um anjo** é datado de 1858. Em 1860, publicou **Mãe**. **Lucíola** foi publicado em 1862; **Diva** em 1864; **Iracema**, o primeiro volume de **As minas de prata**, **Ao imperador: cartas políticas de Erasmo** e **Novas Cartas políticas de Erasmo** foram publicados em 1865. Em 1866, publicou o segundo volume de **As minas de prata** e **Cartas políticas de Erasmo: O sistema representativo**. **A expiação** é de 1867. Em 1870, publicou **O gaúcho** e **A pata da gazela**. No ano seguinte, o primeiro volume de **Guerra dos mascates** e **O tronco do ipê**. Em 1872, **Sonhos d'ouro** e **Til**. De 1873 são **Alfarrábios** e o segundo volume de **Guerra dos mascates**; **Ubirajara** e **Ao correr da pena** são do ano de 1874. Em 1875, publicou **Senhora**, **O sertanejo** e **O jesuíta**.

Filho de nome homônimo do pai José Martiniano de Alencar, político influente; Cazuzá, como era reconhecido na família durante a infância, e José de Alencar como ficou conhecido socialmente, nosso escritor do Romantismo também viveu uma carreira política, tendo sido deputado e

Ministro da Justiça. Foi extremamente conservador e posicionou-se contra o fim da escravidão.

Morreu no ano de 1877, vítima de tuberculose, depois de tentar a cura na Europa e retornar ao Rio de Janeiro.

Postumamente foram publicadas as obras **Encarnação e Como e por que sou romancista**, em 1893.

José de Alencar foi um escritor incansável e firmou-se na história como um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Para Antônio Candido “no Romantismo (Alencar) é o grande artista da ficção, dotado não apenas da capacidade básica da narrativa como do senso apurado do estilo” (CANDIDO, 1964, p.229).

O Guarani, um romance

O Guarani está organizado em quatro partes: “Os aventureiros”, “Peri”, “Os Aimorés” e “A catástrofe”. E narra os feitos heroicos do protagonista Peri.

Peri, o índio de Alencar em **O Guarani**, é o súdito fiel e servil de Cecília, a moça branca, representação do colonizador, a quem ele ama incondicionalmente. É esse o mote da narrativa alencarina, que cumpre um papel essencial para a compreensão das origens da prosa de ficção no Brasil.

“Para ele, essa menina, esse anjo louro, de olhos azuis, representava a divindade na terra: admirá-la, fazê-la sorrir, vê-la feliz, era o seu culto; culto santo e respeitoso em que o seu coração vertia os tesouros de sentimento e poesia que transbordavam dessa natureza virgem.” (ALENCAR, 2000, p. 52)

O índio devota seu amor incondicional a Cecília e, desse modo, é capaz de todos os atos em favor dela. Para ele, ela é mais que uma linda mulher, sendo divinizada nesse amor/idolatria.

Peri é caracterizado como extremamente forte, exacerbadamente bom e honrado, o que o aproxima da representação do “bom selvagem” de Rousseau e, simbolicamente, seria, em certa medida, uma busca de aproximação da pretensa índole do homem brasileiro exageradamente bom e

forte diante de um momento em que o país recém-independente precisa afirmar-se como nação.

A essa essência acrescenta-se uma relação servil, própria do *amor-cortês*², que une-se a um retorno de um passado medieval no que tange às características desse período. Cabe a nós observar essa influência medié-vica como um modelo que, rememora em nuances, um passado, de modo a validar uma mentalidade há muito esquecida.

“ – Tu não entendeste Peri, em que senhora: Peri te pediu que o deixasses na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir. – Como?... Não te entendo! – Peri, selvagem, é o primeiro dos seus: só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.” (ALENCAR, 2006, p. 200)

Nesse viés, observando a presença de características medievais na obra, podemos compreender não só Peri como esse cavaleiro que devota toda idolatria ao amor que sente por Ceci, mas também em outros elementos, como na habitação de D. Antônio de Mariz, fidalgo português, que no romance de Alencar é o pai de Cecília. A habitação é uma versão das fortalezas medievais. Também as relações de poder e obediência seguem tal modelo.

Alfredo Bosi nos incita a compreender o papel conservador de Alencar no que tange a/o modo como relaciona-se Peri com Ceci, mas afiança que, apesar dessa relação ideologicamente ser bastante questionável, há que se pensar em termos literários, onde cabem a imaginação e a metáfora romântica do mito indianista.

² Sobre o amor cortês há uma obra intitulada *O Tratado do amor-cortês*, de autoria de André o Capelão, escrita provavelmente por volta de 1185 e 1187. O *Tratado* fixa os princípios de toda a metafísica amorosa da época. O amor ao qual se refere n' *O Tratado* não é um amor natural e vulgar, acessível a todos, e sim uma arte a ser aprendida, princípio de valor e de mérito. In: BARROS, M. N. A. *Op.cit.*, p. 231, 233. O *amor-cortês* representava a relação entre uma dama que casava para cumprir um objetivo social e permitia-se amar outro homem como amante. Era uma relação cavaleiro-dama, em que o cavaleiro sempre teria de ser socialmente inferior à dama e esta era idolatrada. O amor aí se estabelecia no plano do desejo, não se realizava carnalmente, apenas espiritualmente.

O que importa é ver como a figura do índio belo, forte e livre se modelou em um regime de combinação com a franca apologia do colonizador. Essa conciliação, dada como espontânea por Alencar, viola abertamente a história da ocupação portuguesa no primeiro século (é só ler a crônica da maioria das capitânias para saber o que aconteceu), toca o inverossímil no caso de Peri, enfim é pesadamente ideológica como interpretação do processo colonial. Nada disso impede, porém, que a linguagem narrativa de Alencar acione, em mais de um passo, a tecla da poesia. (BOSI, 2006, p. 179)

A obra **O Guarani** é a metáfora da amplidão de seres que revelam-se atrelados a um passado mediéxico conquanto podemos observar a nítida vassalagem de Peri, bem como, as características cavaleirescas atribuídas ao índio. Clara está a percepção dessa submissão do índio em relação a Ceci. Contudo, Alencar, ao atribuir uma relação de vassalagem ao índio, coloca-nos diante de uma querela ideológica: o índio que é subjogado ao branco, aceitando de livre vontade essa relação de submissão.

A concepção que Alencar tem do processo colonizador impede que os valores atribuídos romanticamente ao nosso índio – o heroísmo, a beleza, a naturalidade – brilhem em si e para si; eles se constelam em torno de um ímã, o conquistador, dotado de um poder infuso de atraí-los e incorporá-los. Não sei de outra formação nacional egressa do antigo sistema colonial onde o nativismo tenha perdido (para bem e para mal) tanto de sua identidade e da sua consistência. (BOSI, 2006, p.180-181)

O que Bosi nos revela é uma caracterização excessivamente servil do índio diante do colonizador, o que, como sabemos, não aconteceu. Houve sim uma relação de dominador sobre o dominado, o que não se deu pacificamente, além de uma política clara de se destituir os indígenas de seus direitos originários, promovendo uma homogeneização, por meio do assimilacionismo, numa tentativa de integrá-los à sociedade nacional e assim descaracterizá-los enquanto povos. Segundo Almeida:

A enorme diversidade de populações indígenas no território brasileiro dificultava não só a aplicação de uma política de

caráter geral, como também a construção de uma única imagem de índio condizente com os ideais da nova nação. Do ponto de vista político, pregava-se o assimilacionismo, com procedimentos diversos, como já vinha ocorrendo desde o período pombalino. Do ponto de vista ideológico, discutia-se a possibilidade de tornar o índio símbolo nacional. (ALMEIDA, 2012, p. 27)

E é nessa tentativa de tornar o índio um modelo nacional que Alencar cria seu Guarani: forte, bom e servil aos propósitos do colonizador.

Não bastasse ser subjugado Peri ao amor que sente por Ceci e, desse modo, metaforicamente, o índio subjugado ao branco no que tange a um amor sem paralelo no romance brasileiro até a publicação da presente obra, também Peri é vassalo de D. Antônio de Mariz, o pai de Cecília, capaz de renunciar a suas crenças e seu modo de vida em favor de tornar-se digno aos olhos do colonizador.

O mito de fundação

Conquanto, há que se pensar além desse amor que, por outra via, será considerado mítico enquanto fundador de uma nova raça que se instalará no Brasil dada a miscigenação das raças indígena e branca.

Segundo uma tentativa de definição do mito, Eliade explica que seria difícil proceder numa fórmula aceita por todos os eruditos e, ao mesmo tempo, acessível aos não-especialistas por ser o mito uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares:

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os

Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELIADE, 2007, p. 11)

Eliade procura elaborar uma visualização do que era o mito para o homem primitivo e do que ele é ainda para algumas sociedades consideradas até hoje primitivas. É no sentido de sagrado e verdadeiro que o autor procura vislumbrar o sentido de mito, como destacamos a seguir:

O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a *realidades*. O mito cosmogônico é “verdadeiro” porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente “verdadeiro” porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. (ELIADE, 2007, p. 12)

Eliade explica o mito na sua essência de sagrado porque verdadeiro, pois ao relatar o mito, este passa a realmente existir enquanto verdade apodítica. Desse modo, Peri e Ceci, ao criarem uma nova raça, tornam-se míticos. Contudo, Peri e Ceci são personagens literários, o que nos leva a considerar o paralelo traçado por Bricout entre mito e conto:

Embora o mito e o conto apresentem-se como narrativas de caráter retrospectivo, ecos do memorável que nos atingem através deles, o passado que apresentam não é da mesma natureza. Ao passado indefinido do conto de fadas (o “era uma vez” funcionando como um sinal textual que nos coloca no cerne da ficção) iremos opor o tempo mítico (“in illo tempore”), o da gênese e da criação, radicalmente desligado do nosso. Ele não pertence à história. Como o mito, o conto é originado da memória coletiva e contado por um grande locutor anônimo de contornos indecisos. Como o mito,

inscreve-se na tradição. (...) Como a lógica da narrativa, a marca do sagrado e a influência da sociedade estão menos impregnadas que no mito, o conto é suscetível ao jogo, à mudança, e essa movimentação relativa favorece seu encapamento por outras formas, sua entrada na literatura. (BRICOUT, 2006, p. 194-5)

Para a autora, o conto nos insere num mundo fictício, enquanto que o mito nos leva ao tempo da criação, longínquo, mas com valor de verdade.

Mítica é ainda a caracterização dada ao índio Peri, capaz de feitos inigualáveis, dono de um poder físico fenomenal, como vemos adiante.

O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou a coisa de quinze passos do inimigo, retraiu-se com uma força de elasticidade extraordinária e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio. Foi cair sobre o índio, apoiado nas largas patas detrás, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua vítima, e os dentes prontos a cortar-lhe a jugular. A velocidade deste salto monstruoso foi tal que, no mesmo instante em que se vira brilhar entre as folhas os reflexos negros de sua pele azevichada, já a fera tocava o chão com as patas. Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela força e agilidade. (ALENCAR, 2000, p.30)

Paradoxalmente contrário à sua força física é o servilismo que sustenta diante do colonizador, capaz de abdicar de sua crença e de sua identidade com o único intuito de salvar sua idolatrada senhora Ceci, como vemos a seguir.

– Se tu fosses cristão, Peri!... O índio voltou-se extremamente admirado daquelas palavras. – Por quê?... perguntou ele. – Por quê?... disse lentamente o fidalgo. Porque se tu fosses cristão, eu te confiaria a salvação de minha Cecília, e estou convencido de que a levarias ao Rio de Janeiro, à minha irmã. O rosto do selvagem iluminou-se; seu peito arquejou de felicidade; seus lábios trêmulos mal podiam articular o turbilhão de palavras que lhe vinham do íntimo da alma. – Peri quer ser cristão! Exclamou ele. D. Antônio de Mariz lançou-lhe um olhar úmido de reconhecimento. – A nossa religião permite, disse o fidalgo, que na hora extrema todo o homem possa dar o batismo. Nós estamos com o pé sobre o túmulo. Ajoelha, Peri! O índio caiu aos pés do velho

cavalheiro, que impôs-lhe as mãos sobre a cabeça. – Sê cristão! Dou-te o meu nome. (ALENCAR, 2000, p.269)

Peri ao abdicar de sua cultura e de sua identidade, podemos imaginar, perde sua essência, o que, porém, pode ser um equívoco, visto que a essência do Peri de Alencar é exatamente o paradoxo acima descrito. A essência de Peri é devotar sua existência a Ceci.

Nesse sentido, nem sempre a literatura favorece uma representação do real. Ao possibilitar a vivência do impossível, ela desloca o leitor para lugares inimagináveis e proporciona “essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem” (BARTHES, 1997, p. 16).

José de Alencar, ao escrever **O Guarani**, vai a lugares para além do tempo, em que vivem seus personagens. Lugares que podemos definir a partir do olhar muito mais ficcionista do escritor, do que propriamente histórico, como nos aponta Bosi. Ele afirma que Alencar cria suas histórias a partir de memórias de sua infância, o que, obviamente, é um misto de lembrança e inventividade. Sendo assim, há que se afirmar que **O Guarani** é uma obra literária antes de ser uma obra histórica.

Recentemente numa entrevista³ feita com a também cearense Ana Miranda, ela afirma a liberdade que tem o escritor diante da obra ficcional. Para ela, o romance histórico, bem como qualquer texto literário, tem toda autonomia na imaginação. Ela assevera ainda que sua busca no intento de seus romances históricos é uma viagem por meio da leitura.

Para Ana Miranda, o que ela faz é um garimpo sobre o passado. E diante desses dados que vão sendo agregados surgem seus romances, os quais ela garante tratar-se de obras ficcionais, mesmo sendo estes considerados romances históricos.

Desse modo, apesar da crítica de Bosi, entendemos como Miranda, que Alencar não tem um contrato com o real, pois seu contrato é com a literatura, contrato esse que nos impede de julgar a força fenomenal de um

³ MOREIRA, A. L.; MARTINS, E. S. Ana Miranda: A multifacetada escritora de sonhos. In: OLIVEIRA, C. K. B.; SILVA, F. M. D.; CHAVES, F. M. (org.). **Ana Miranda entre Histórias e Ficções: estudos críticos**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2017.

herói, quase que super-humano, atribuída a Peri. Também esse contrato nos impede de tachar como que irrepresentável esse amor acima da própria vida que tem Peri por Ceci.

Não julguemos essas características que se apresentam nessa obra. Analisemo-la como que diante de algo literário, fruto do ficcionista Alencar.

Para Ana Miranda, um de seus maiores dilemas foi a desconexão do real e do ficcional em suas obras. Faz-se necessária a compreensão de distanciamento entre real e ficcional à medida que lidamos com fatos reais num contexto ficcional, haja vista que “a linguagem literária pressupõe um deslocamento, e conseqüentemente, a provocação de um estranhamento, por se estar diante de um universo singular, o universo do autor” (NUNES, 2008, p. 53).

Durante muito tempo houve uma preocupação de Ana diante de questões éticas relacionadas às pessoas que eram retratadas em suas obras como personagens.

Até que descobri que quando você escreve um romance tudo é ficção, seja romance histórico, como o romance de Maurice Druon, o romance psicológico, o romance da Clarice [Lispector] que é aquele universo abstrato dela, todos eles são reconstruções de um tempo perdido. A Marguerite Yourcenar⁴ diz que todos os romances são históricos nesse sentido, você está sempre de uma forma meio proustiana fazendo a reconstrução de um tempo perdido. Então uma vez encontrada a solução desse dilema eu me acalmei, é tudo ficção.

Nosso entendimento literário conforma exatamente o que Ana Miranda nos traz à luz: é tudo ficção. Romance histórico é antes de tudo literatura e esta é ficção por excelência.

Conquanto, podemos compreender que Alencar foi um grande escritor, mesmo com sua visão turva diante da realidade, pois cabe ao leitor o julgamento d'**O Guarani** enquanto obra artística, pois “Aprendemos com ele a ter estilo, isto é, a considerar o romance como uma obra de arte, e não simplesmente como um divertimento, um mero jogo de situações,

⁴ Marguerite Yourcenar, pseudônimo de Marguerite Cleenewerck de Crayencour, foi uma escritora belga de língua francesa.

mais ou menos possíveis, ou um punhado de anedotas picantes” (CARVALHO, 1929, p.283), segundo afirmação de Carvalho.

Alencar, sem dúvida nos deixou um legado literário que rompe qualquer estereótipo e seu **O Guarani** cumpre seu destino de obra literária que rompe os limites de tempo, espaço e verossimilhança.

Referências

ALENCAR, J. A. **O Guarani**. São Paulo: Ática, 2000.

ALENCAR, J. A. **O Guarani**. Fortaleza: UFC Edições, 2006.

ALMEIDA, M. R. C. de. “Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo”. **Revista História Hoje**, vol. 1, nº 2, p. 21-39, 2012. In: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/download/39/29>.

ARARIPE JÚNIOR, T. A. **Obra crítica**. V.1. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958.

BARROS, M. N. A. *Tristão e Isolda – O Mito da Paixão*. São Paulo: Mercury, 1996.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BRICOUT, B. “Conto e mito” In: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 194-5.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. 2. ed., 2. v. São Paulo: Martins, 1964.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 2ª reimpr. da 6ª ed. de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GOETHE, J. W. **Escritos sobre literatura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

MOREIRA, A. L. ; MARTINS, E. S. Ana Miranda: A multifacetada escritora de sonhos. In: OLIVEIRA, C. K. B.; SILVA, F. M. D; CHAVES, F. M. (org.). **Ana Miranda entre Histórias e Ficções: estudos críticos**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2017.

NUNES, S. R. Sobre livros, leituras e literatura. In: **Facom** - nº 19 - 1º semestre de 2008, p. 52-56.